

Sarney deverá definir os rumos do governo

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

O presidente José Sarney deverá aproveitar a entrevista coletiva que concederá à imprensa segunda-feira para definir os rumos do governo em relação à dívida externa, a reforma agrária, e o combate à inflação, além de explicar quais os objetivos do pacto político que pretende fazer com todos os partidos e a sociedade.

Parlamentares do PFL comentaram ontem que o presidente José Sarney já está preocupado com a inércia do governo, pressionado não só pelos assessores mas também pelos próprios filhos para anunciar medidas concretas que definam os rumos da administração. Eles entendem que a oportunidade para isso é a entrevista coletiva, para a qual ele está-se preparando há várias semanas.

O presidente da República deverá explicar, por exemplo, na opinião daqueles parlamentares, por que ainda não mudou alguns ministros e integrantes do primeiro escalão do go-

verno, se ele próprio tem-se manifestado insatisfeito com a atuação de Francisco Dornelles, da Fazenda, do presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, na condução da dívida externa — especialmente nas últimas viagens ao Exterior —, e com a desarticulação de seus coordenadores políticos, que não estão conseguindo manter sólida a Aliança Democrática.

Os liberais comentaram, ainda, que o presidente José Sarney está "seriamente preocupado" com o destino da Aliança Democrática, especialmente depois que o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, renunciou à coordenação do pacto. O desgaste do presidente da Câmara implica desgaste da sustentação política do governo "e o presidente Sarney sabe que isto acabará chegando até ele" — disseram.

Para contornar estas dificuldades, os liberais entendem que o presidente José Sarney deverá aproveitar a entrevista coletiva para dizer, entre outras coisas, qual corrente econô-

mica ele prefere para seu governo: a monetarista — do ministro Francisco Dornelles e de Antônio Carlos Lemgruber — ou a estruturalista, do ministro João Sayad, do Planejamento, e da maioria dos economistas da antiga oposição. Ele terá, também, de informar claramente de que forma pretende enfrentar a dívida externa, "de frente, como fez a Argentina, mas alertando para os riscos que isto poderá acarretar para o País, ou da maneira 'contorcionista' adotada pelos governos anteriores".

O que o presidente Sarney não pode continuar mantendo, na opinião dos liberais, é "esta postura passiva, de ouvir muito e falar pouco, de convidar para o diálogo sem definir a conversa, mas colocar as cartas na mesa e enfrentar os riscos de governar". O presidente José Sarney, segundo parlamentares mais íntimos, "só age sob pressão" e é isto que eles esperam da entrevista que concederá à imprensa: "Que as perguntas dos jornalistas sejam fustigantes e encadeadas para levá-lo a dizer a que veio".